



Berano o Tomba dor

hamilton
britto

~ pilões ~

~ editora ~

#digitalcrafts

BRITTO, Hamilton Santos. BEIRANDO O TOMBADOR,
1ª. ed. Jacobina: p, 2019. 32 p. v. I.

Berano o Tombador

hamilton
britto

↵ pilões ↵

↵editora↵

#digitalcrafts

Sequência

Prefácio		6
Don'ermina	7	
Mei'água	7	
Voltano Ao Mourão Voltado	8	
Valintia		10
Quem como H é dona Braulina	12	
132Mainha Na Net	13	
A Vorta Da Seca		14
Imaginário- A Repentista	Feira Filha	
Na Ponte Do Massambão	15	
Fartura	16	
Hora Do Prazer	17	
Disfazeno Mote	18	
Ciará	19	
Prosa Pr'uma Noite De Chamego	20	
Cangaceiro	22	
Brincadeira De Menino	23	
Me'Água	24	
Aboio De Retirante	25	
A Vorta Da Seca	26	
Eu, Tapuio	27	
O Que É Que Tu Quer Pilões?	28	
Chula Pra Dedéa Cozinhar		29

Esta publicação usa a escrita como forma de manifesto, o aqui escrevinhado não tem vinculação com o formal, antes, é a percepção sentida, analisada, reproduzida *como processo de iteração*, é fala escrita como divulgadora do resultado pensante do autor, por isso sem amarras de regras gramaticais

Os dialetos, as gírias, experimentos despretensiosos, as linguagens sempre em renovação, a comunicação viva sustentada na reprodução da oralidade sendo suporte do registro escrito na transmissão de linguagem

Esse mal traçado são linhas que conversam entre eu, as pessoas, e o mundo.

Don'ermina

Minha vó,
Caso senhora me oiça
Me arranje um gole
Desse café cardiado
Forte e mal adoçado
Numa caneca de loiça
Pr'eu recordar os tempos idos
Onde era a boa idade
Só de lembrar dá saudade
Lambuzado de merenda
Comprano as coisas na venda
Tomei banho de rio
Iscundido mãe num viu
É mintira seu teroso
Bom é pão de mantegoso
Nessas coisa de seu tide
Num tem quem acredite
Meu cachorro corante
Outro por nome gigante
Terreiro que fica triste
Num tem galo que cante.
A panela tá cheinha
Carne frita com torresmo
Que dona Nega faz
-Come onça
Amanhã tem mais !

Voltano ao mourão voltado

Andando pela vida
Passa o tempo, vem a idade
Se passa a mocidade
Encontro e despedida
Tanta coisa esquecida
Guarita, vigia e cão
Tratados na água e pão
Tinha chave e cadeado
Assim é mourão voltado
Assim é voltar mourão

Tinha chave e cadeado
Assim é mourão voltado
Assim é voltar mourão

Tinha cadeado e chave
Na certa também tramela
Pra libertar a donzela
Ache água que te lave
Num buraco que tu cave

Pra tirar o poeirão
Das quebradas do sertão
Onde teve hospedado
Assim é mourão voltado
Assim é voltar mourão

Onde teve hospedado
Assim é mourão voltado
Assim é voltar mourão

Hospedado estava
Num lugar hospitaleiro
Nem precisou de dinheiro
Não ganhava nem gastava
merendando mocotó e fava
era muita distinção

Não queria vim mais não
Tava muito bem tratado
Assim é mourão voltado
Assim é voltar mourão

Tava muito bem tratado
Assim é mourão voltado
Assim é voltar mourão

VALINTIA

Cunheço muito cabra
Da lingua faladêra
Que diz ser bom de tapa
Cabeçada/e capueira
E gosta de sair de brabo
Mas, mermo a onça tano morta
Tem medo de pegá no rabo
Agora, eu não,
cabra valente pra mulesta
Se num fô pr'eu brincá
Tá acabada a festa
Se quisé virá difunto
Apareça e dê a testa
Pois quem atenta o brabo
Tá procurando é coice
E pescoço arribitado
Boto logo ele imbaxo
num só golpe de foice

Se num tão acriditano
Tenho fama no sertão
De uauá inté irecê
É só percurá sabê
Da surra que dei ne lampião
Que apesá de meu amigo
De jacobina saiu currido
Depois que lhe dei uns tapa
Por cima do pé-do-zuvido
Por ele fazê garapa
De me chamá de atrivido
Mas num fiquem pensano
Que ficamo de richa
Depois de passada a briga
Virgulino é meu parente
De ruindade, de unha, carne e osso
Como ele nasci torto
Num aceito disaforo
-Calma minha gente
Num pricisam marcá carreira
Saí avexados da feira
Isso tudo é brincadeira
São astúcias d'um poeta
Adiscurpem a ozadia
-Num me tenham por perverso
Essa minha valintia
É pra combiná os verso

QUEM COME H É DONA BRAULINA

Nos idos dos anos 60, D. Braulina era a proprietária da única pensão naquela pequena cidade do interior da Bahia. A lavoura de mamona e a estrada de ferro trouxeram desenvolvimento àquele lugar e mais pessoas passaram a frequentar a cidade. Querendo incrementar o negócio, reformou o velho casarão, mandou trazer mobília nova da capital e encomendou uma placa para o seu reformado estabelecimento; a tarefa coube a Heitor, vaqueiro e pintor de paredes nas horas vagas e que tinha fama de "desenhador de letras" mas nunca tinha ido a escola, desenhava letras mas era analfabeto.
-Então ele tascou na placa:



otel

D. Braulina, que era muito boa nas conta mas também analfabeta , recebeu a placa e mandou Heitor mesmo apregá-la, desde então ficou o ditado:
"QUEM COME AGÁ É DONA BRAULINA"

**Mainha tá logada
Mainha tem blog
Mainha faz suas coisas,
tá sempre ligada.
Mainha navega,
sempre que pode.
Inda tá no começo,
Ele inda tem com
receio,
No mundo eletrônico
já tem endereço,
Já abriu uma conta,
tem seu e-mail.
Agora ele pode curtir,
pode comentar
Pode responder, pode
compartilhar
E, sendo preciso,
postar um recado,
Até mesmo,
o messenger ela sabe
usar**

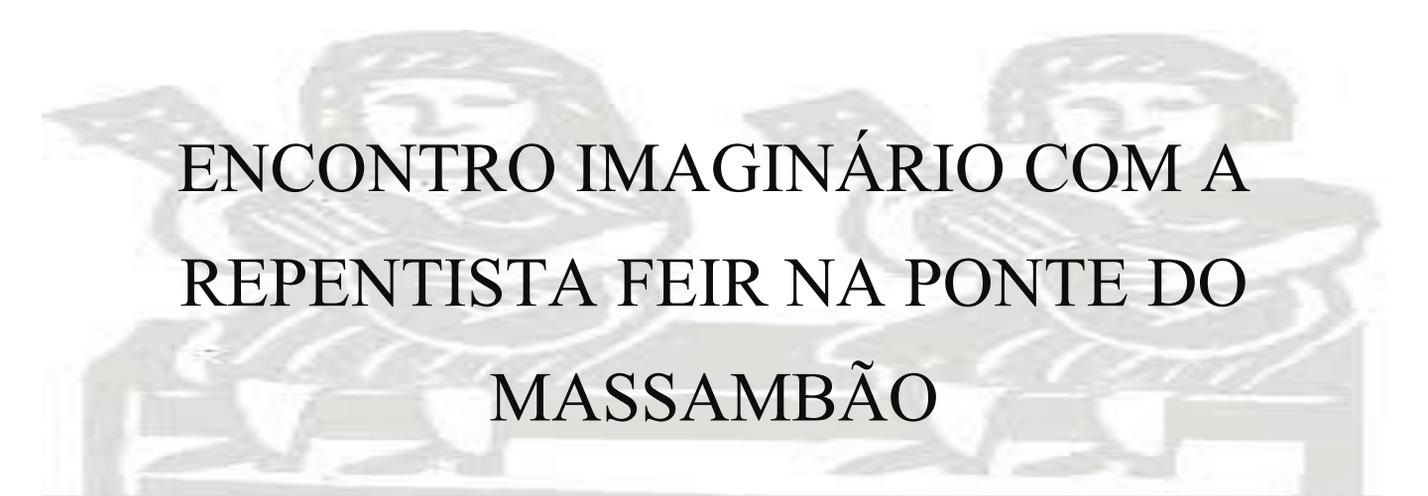
**M
A
I
N
H
A
N
A
N
A
N
E
T**

Vida Seca

**Falta d'água
sobra de mágoa,
só um gole de poesia
pr'aspludi essa tristeza.**

**Coro e osso late
faminto,
meu cachorro na
sombra
dos secos galhos
d'um velho e
resistente
flamboyan.**

Êta, vida seca.



ENCONTRO IMAGINÁRIO COM A
REPENTISTA FEIR NA PONTE DO
MASSAMBÃO

Cara amiga cantadora que
verseja das coisa da vida
lhe cumprimento ante esse
povo
faiz pra gente um repente
mostra pra nois sua puisia
será que argum dia
apesá da dô que se sente
a gente vai tê aligria?

- Sei sê a muiho difíce
a alegria chegá
quanto mais plenamente
mas garanto que há
uma coisa que quem sente
é capaz de se alegrá
num me sinto impotente
sendo capaz de amar.

FARTURA

Falta pouco

P'eu me fartar

Fartar-me-ei

Sem fardo

Nem enfarto.

Eu,

Nunca farto

HORA DO PRAZER

Andei correndo
atrás do tempo
e depois de te ver
deito, descanso
não é preciso mais
correr.

O momento é nosso
sem pressa, nem nóia
sem aflição,
A sós, eu e você
descansa coração
agora é hora do
Prazer.....

Disfazeno mote

**- Cantadô que se achá
invencive**

**Pode se achegá pra mim
Ei de le dá u'a surra
Pra saí todo tortim.**

**- Você me disse u'a coisa
Agora num é bem assim
Se num pode carregá de
veiz**

Pegue divagazin

**Cantadô que se acha
invencivi**

**Pode se achegá pra mim
Ei de le dá u'a surra
Pra saí todo tortim.**

CIARÁ

Um açude de poesia
pela rima chego lá
terra de mulher rendeira
é lá no ceará
cantador cabra da peste
canto pra vida ganhar
segurando a rima do coco
o verso não vai quebrá
onde tem bom violeiro
é lá no ceará
Vou fazer uma estrada
pro meu canto trafegá
e pela serra de santana
tal rodagem passará
ouço ser muito bonita
patativa viveu lá
repentista que nem ele
é lá no ceará
sei que um dia volto
é só as coisa amilhorá
pego meus minino
levo pra passiaá
boniteza que nem eles
é lá no ceará

PROSA PR'UMA NOITE DE CHAMEGO

À noite,

Quando todos estiverem dormindo

Faremos a nossa cama no chão.

Um travesseiro, uma coberta,

Uma esteira e um colchão.

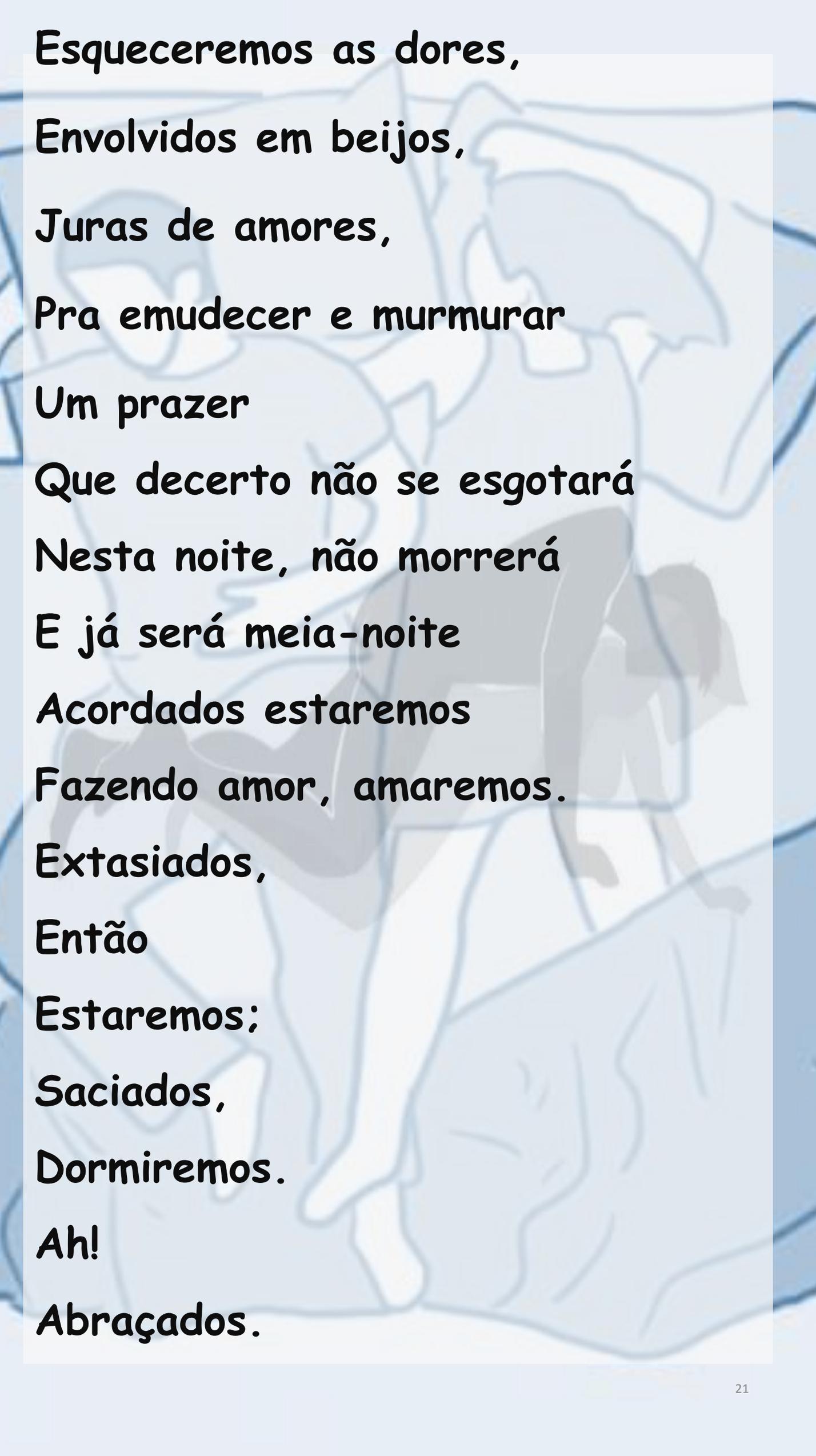
Falaremos de nós

E do que o dia cala,

Estaremos a sós

No silêncio da sala.

Excitantes desejos



**Esqueceremos as dores,
Envolvidos em beijos,
Juras de amores,
Pra emudecer e murmurar
Um prazer
Que decerto não se esgotará
Nesta noite, não morrerá
E já será meia-noite
Acordados estaremos
Fazendo amor, amaremos.
Extasiados,
Então
Estaremos;
Saciados,
Dormiremos.
Ah!
Abraçados.**

Cangaceiro

Sou mais brabo
que cascavel
Mais inquieto
que seu chocalho
Rastejo
pra atacar
Dou botes
pra prosseguir
Só me entrego,
Se morto.
Se vivo,
Sou cangaceiro
Das coisas que
acredito

BRINCADEIRA DE MININO

Vou Subir

A Serra

Pegar Mamona

De Guerra

Vou Brincar.

Vou Descer

A Serra

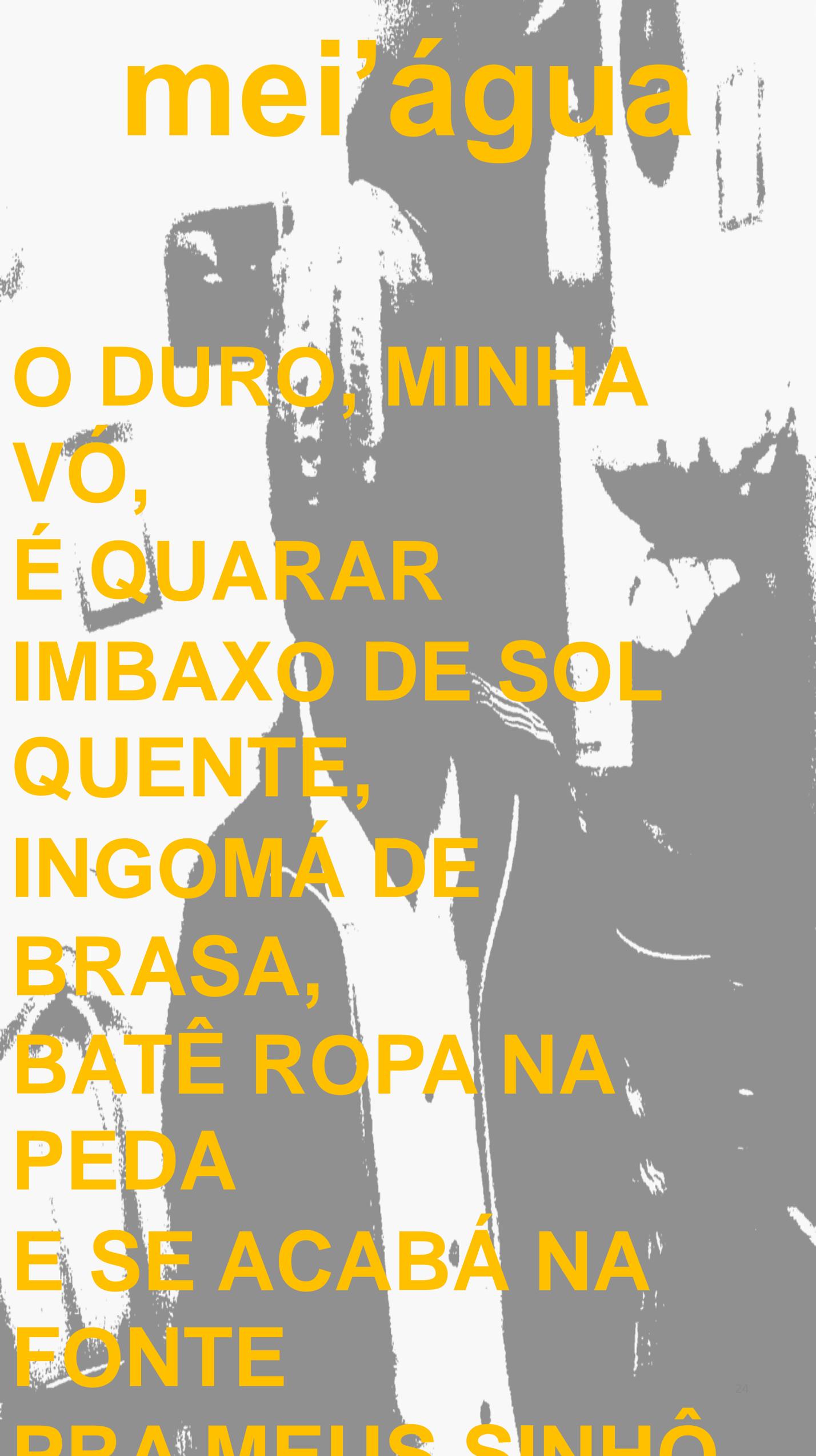
Distalar

E Badogar

Até Acabar

Pra Depois

Voltar Pra Serra.



mei' água

**O DURO, MINHA
VÓ,
É QUARAR
IMBAXO DE SOL
QUENTE,
INGOMÁ DE
BRASA,
BATÊ ROPA NA
PEDA
E SE ACABÁ NA
FONTE**

PRAMELIS SINHÔ

ABOIO DE RETIRANTE

CHAPÉU DE COURO, JALECO, Ê BOI,
O SERTÃO, UMA SAUDADE
O QUE SE HOUBE, SE PERDEU
CHAPÉU DE COURO, JALECO, Ê BOI,
PERVERSA, GRANDE CIDADE
O QUE SE TEVE, ESQUECEU.
CHEGADO MOÇO
OS RESTOS DAS SOBRAS
ÚLTIMO ALMOÇO,
ENTALADOS NA GARGANTA
UM GOSTO INSOSSO.
CHAPÉU DE COURO, JALECO, Ê BOI,
O SERTÃO, UMA SAUDADE
O QUE SE HOUBE, SE PERDEU
CHAPÉU DE COURO, JALECO, Ê BOI,
PERVERSA, GRANDE CIDADE
O QUE SE TEVE, ESQUECEU.

A VORTA DA SECA

a seca amedronta o
sertão,
vai corrê todo mundo,
a cumeçá pelo homi
-passarim
d'arribação.
Vai corrê todo mundo,
só fica as furmiga
e as bicha do chão.

Eu, Tapuio

Nas águas do rio

Que banha o vale

Onde nasci,

Eu renasci

Sem me

renunciar.



O QUE É QUE TU QUER PILÕES?

**O que é que tu quer
Pilões?**

**-Pra fazer uma
garapa,
quero 2 limões.**

**O que é que tu quer
Pilões?**

**-Pra bater uma
merenda,
quero 2 mamões.**

**O que é que tu quer
Pilões?**

**- Uma menina
bonita pra
unir 2 corações.**

CHULA PRA DEDÉA COZINHAR

Dedéa, uma negra linda
que quebra bonito, já me levou no Ilê
Frequenta o Araketo, Muzenza
Cortejo, Malê Debalê.

Desceu o Barbalho
Na 7 Portas foi dar um rolê
comprou cheiro verde, temperos
encheu a sacola, mandou me dizer:
-nego, quero que você venha
Eu vou preparar um dicumê.
o samba vai dar de pancada
e deliciosa muqueca eu vou fazer,
Estais convidado
Robalo com coco e dendê.
Pedi a Xangô, machado emprestado
Um feixe de lenha
se faz necessário pro fogo acender.

O dicumê biti. O dicumê biti
biti, biti; biti!. biti, biti; biti!
o dicumê, erê, erê, erê, erê
biti, biti; biti! biti, biti; biti!

Domingo eu vou pro Tororó
Vou levar Dedéa
Qu'eu num sambo só....

Sobre o Autor

Nasci em 1970 em Jacobina, interior do norte baiano, inriba d'um lajedo impressado in ôto. Desde cedo desenvolvi o gosto pela leitura fomentado pelas leituras do meu pai e trabalhando como vendedor das mais diversas mercadorias nas feiras tive contato com os menestréis e cachaceiros me encantando pela cultura popular do sertão nordestino. A poesia e as rimas começaram em minha vida como companheiras de solidão de um menino pobre e sonhador nos longínquos anos 70; tímido não apresentava em público; eu era o meu público, o que me dava liberdade de versar sobre tudo, sem compromisso de agradar, me bastava o brincar com o juntar de palavras que nem fazia os povo que era artista.

Já fui gráfico, encanador, carpinteiro, porteiro, mecânico, eletricista, Sem Terra, Professor, dentre outras coisas. Tenho 2 filhos: André Lucas (9) e Mighel Engels (5). Formei-me em Tecnologia de Fabricação Mecânica no Paraná. Depois de morar num bucado de cidades, a exemplo de Miiguel Calmon, Itaberaba, Barra do Rocha, Ibirapitanga, Vitória da Conquista, Cordeiro, Encruzilhada, Mata de São João e Salvador na Bahia, Nas capitais paulista e paranaense, em Serra (ES) e Campinas (SP),³⁰ estou de volta a Jacobina



↵ *pilões* ↵

↵editora↵

#digitalcrafts

Jacobina- Maio/19

